

Edifício dos Departamentos de História e Geografia da FFLCH-USP

Pesquisa e texto: Neyde A. Joppert Cabral

Endereço: Av. Prof. Luciano Gualberto, 338, Cidade Universitária da USP, São Paulo, SP.

Arquiteto: Eduardo Corona (1921-2001), formado pela Escola nacional de Belas Artes (Enba), Rio de Janeiro. O projeto é de 1961. Foi inaugurado em 1966.

O edifício, exemplar da Arquitetura Moderna Paulistana, é uma obra em que os elementos estruturais permanecem sem revestimento, recebendo pintura diretamente sobre o concreto ou ainda deixados na sua aparência natural.

Os pisos são constituídos de materiais em seu aspecto natural, como o piso em placas de concreto aparente do piso inferior (o da entrada principal do prédio), ou como saem de fábrica, como os ladrilhos hidráulicos do piso do pavimento dito térreo.

O edifício está em processo de tombamento pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo – Conpresp.

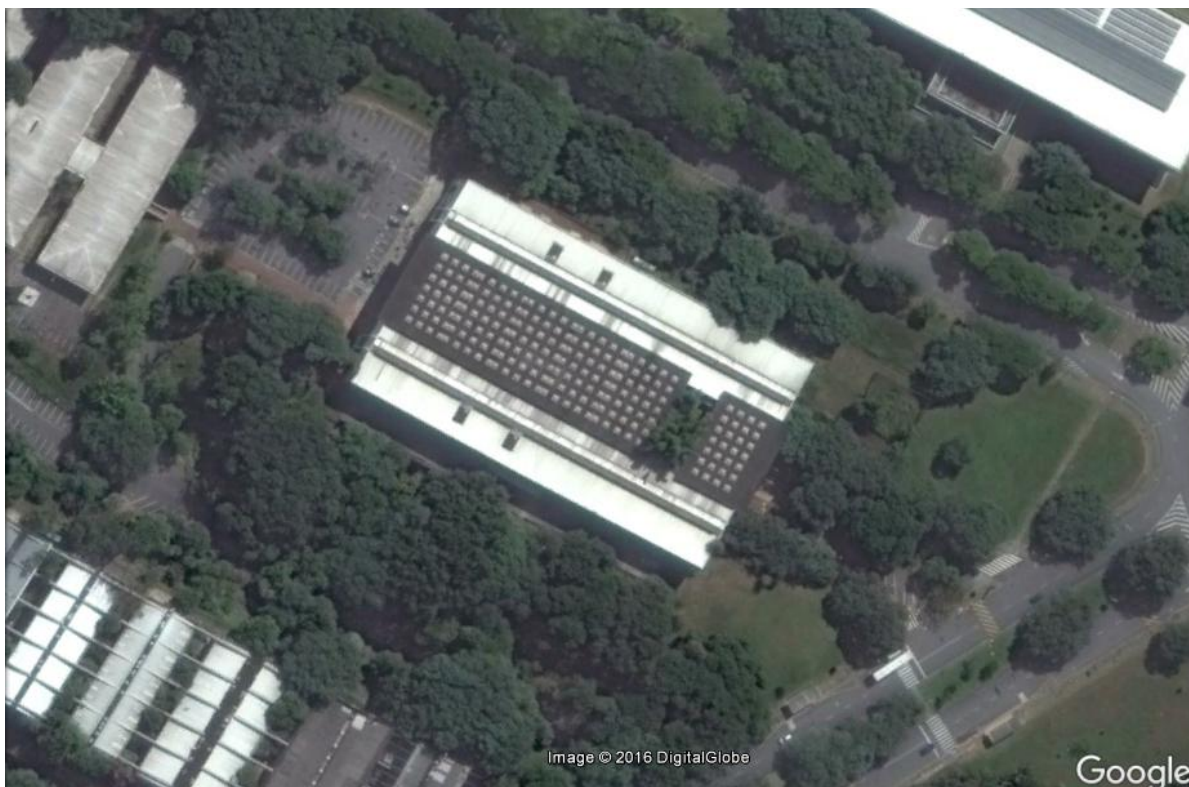
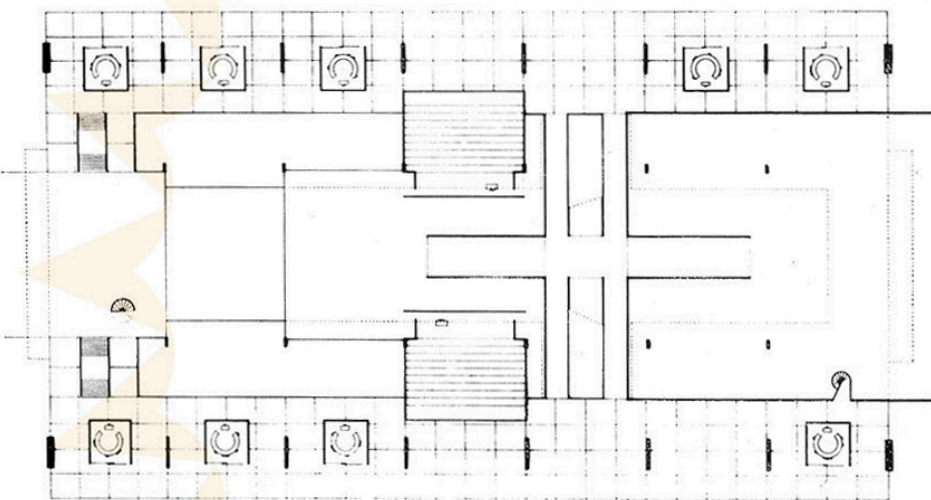


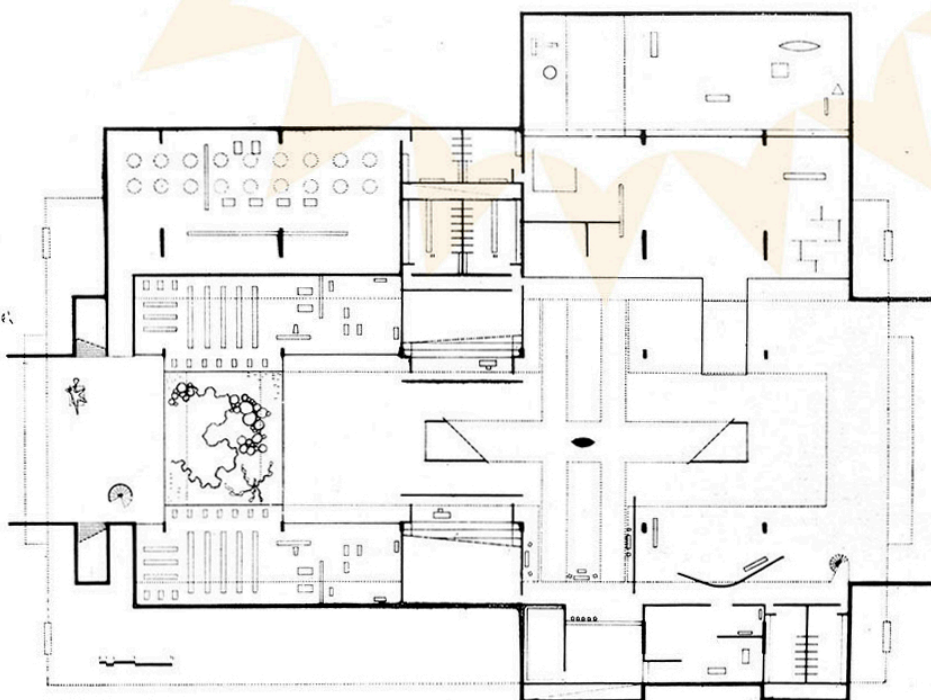
Foto aérea do edifício em 2016



Anteprojeto Pavimento Superior



Anteprojeto Pavimento Térr

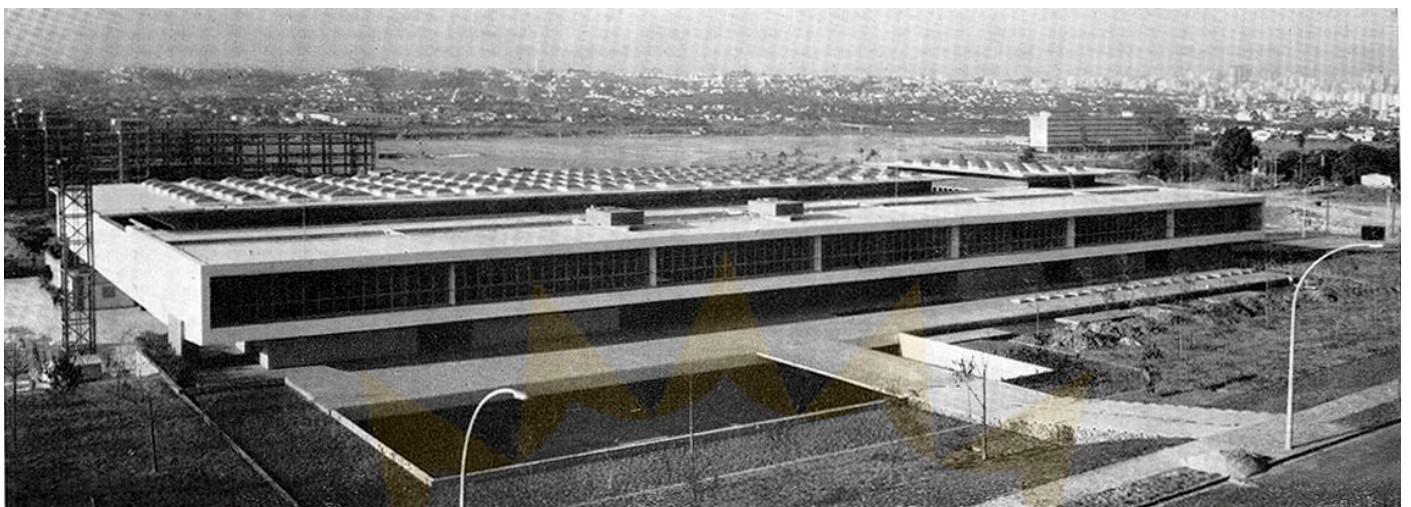


Anteprojeto Pav Inferior

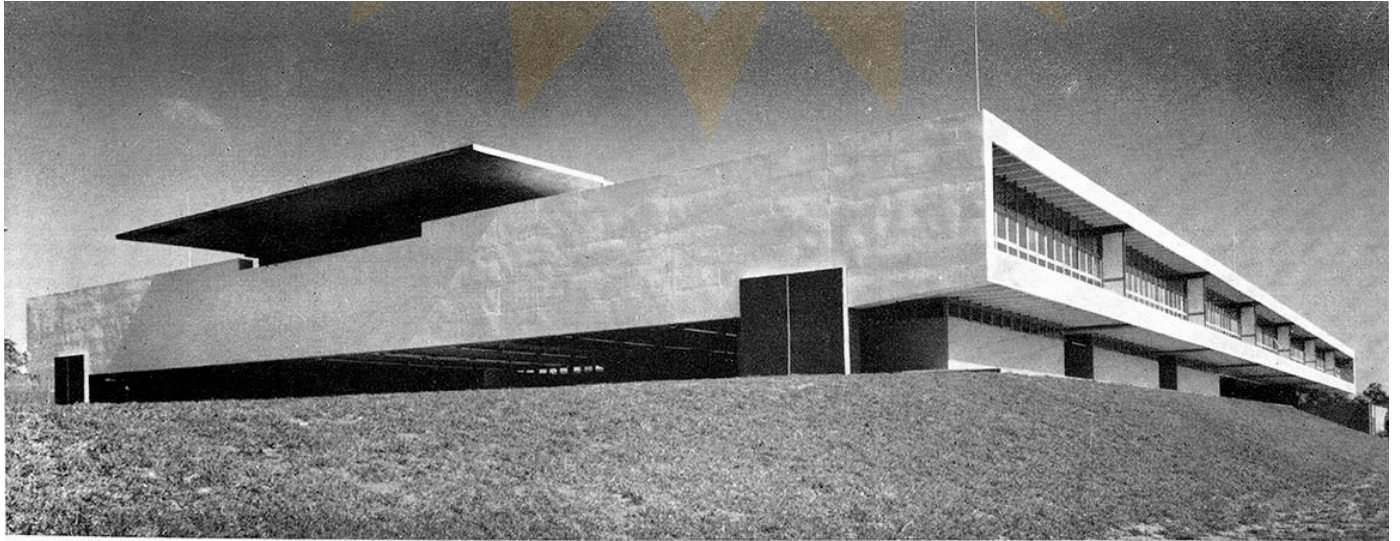


Construção do edifício dos departamentos de história e Geografia da FFCL, 1964. Fotógrafo desconhecido. Fonte: CCS Jornal da USP.

Imagens do edifício nos primeiros anos



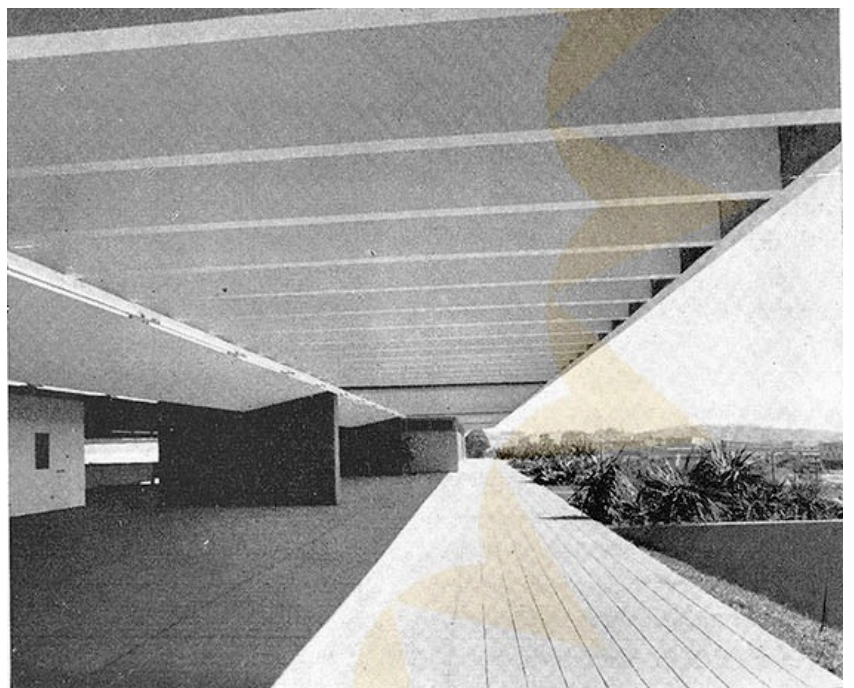
Fachada sudoeste, voltada para o conjunto das Químicas



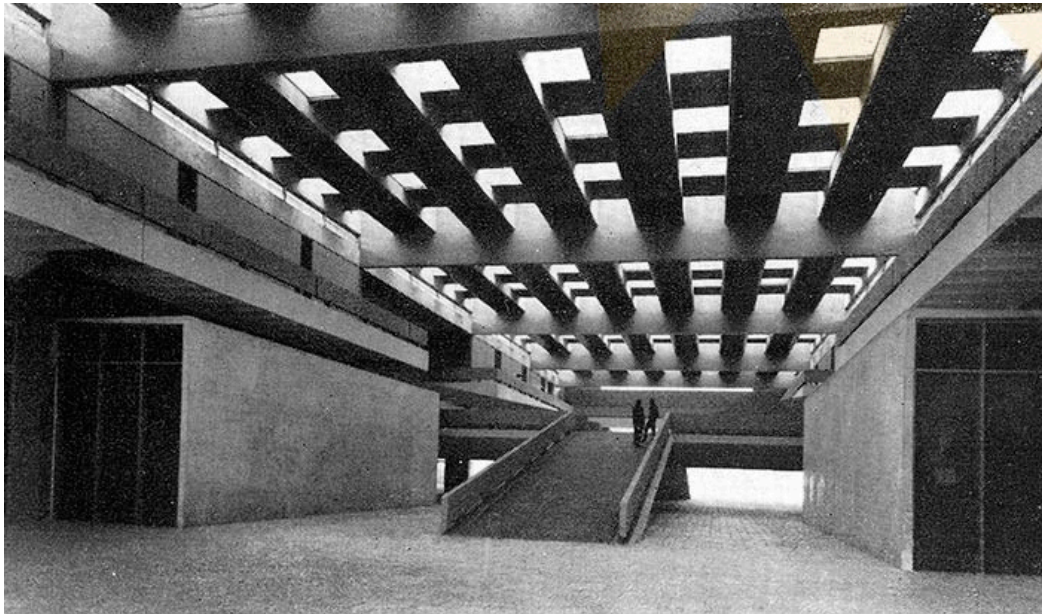
Fachada sudeste (entrada principal) voltada para a av Professor Lineu Prestes e fachada nordeste



Acesso desde a av Prof. Luciano Gualberto

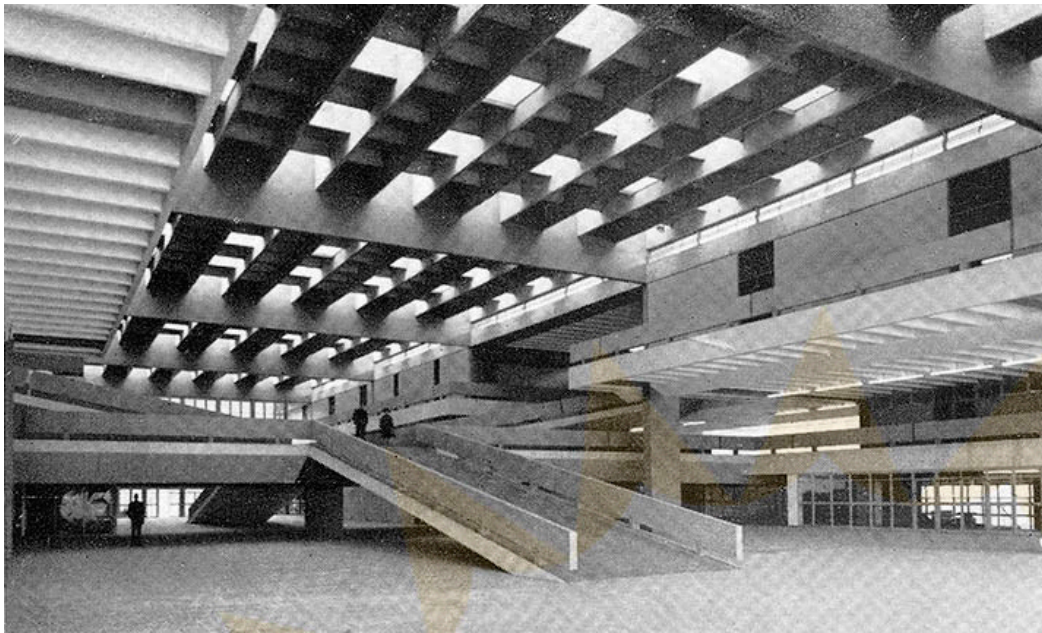


Fachada nordeste, voltada para a av Luciano Gualberto, sem fechamento ou diferença no piso e com lajes-jardim.

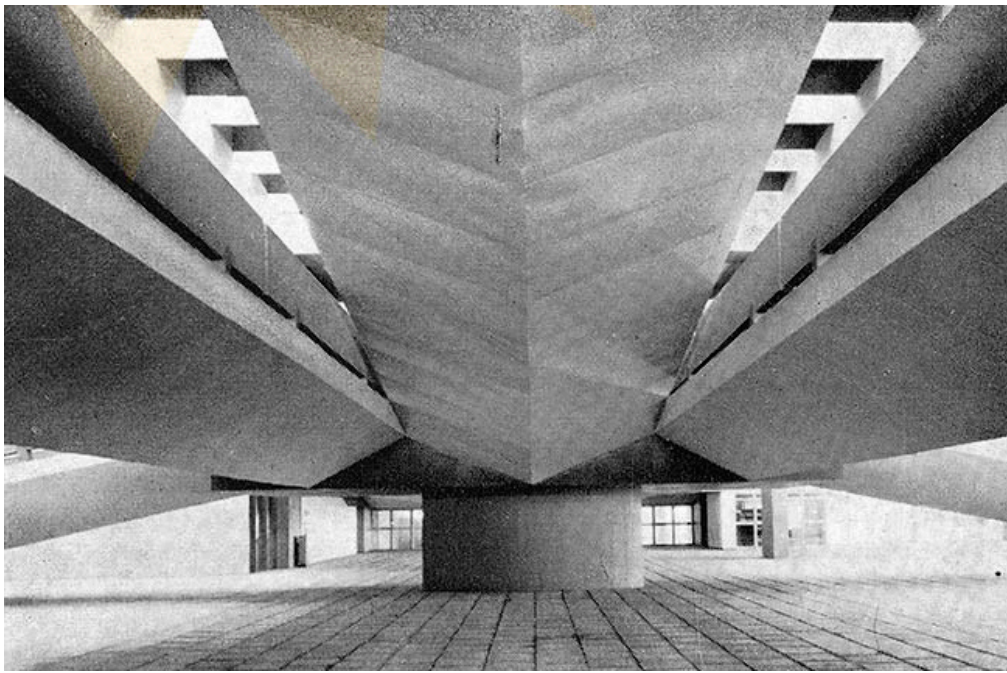


de entrada dos auditórios, em concreto

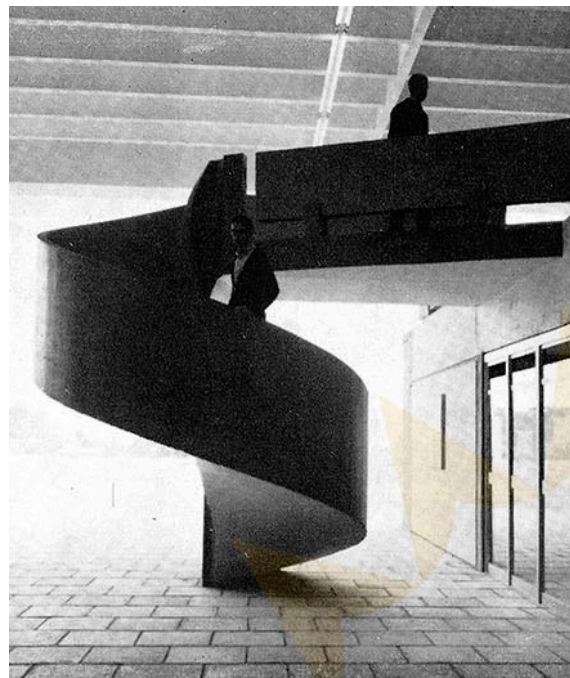
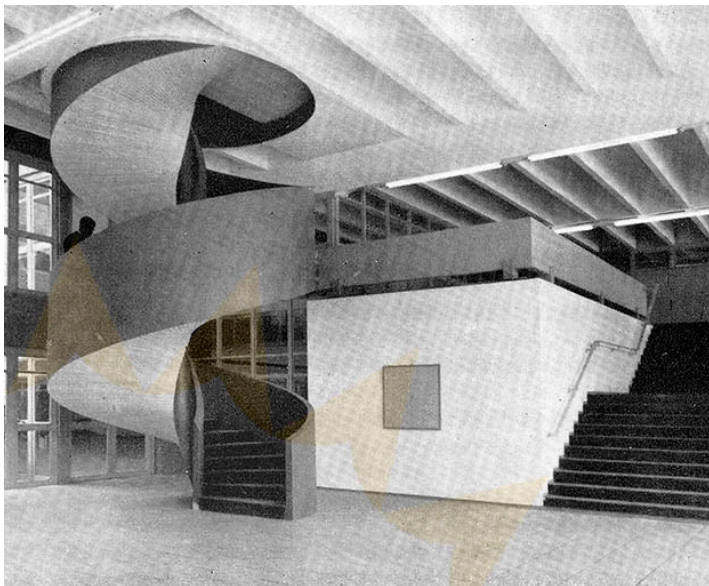
Vistas internas, com volumes



Vistas internas



Vistas internas



Escadas helicoidais, à esquerda a da entrada principal.

Como o prédio é apresentado em blog do órgão responsável pelo seu estudo de tombamento

Patrimônio - blog do DPH

1 . jul . 2016 18 . jul . 2016 Cláudia Ratti

Um passeio [na] Cidade Universitária da USP no Butantã é uma ótima maneira de conhecer a arquitetura moderna pública da década de 1960. O Blog do DPH elaborou um roteiro passando por cinco locais: o prédio da História e Geografia, o Crusp (Conjunto Residencial da USP), a FAU-USP (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo) e a Escola Politécnica, além de um edifício contemporâneo que já nasceu importante: a Biblioteca Brasileira.

Considerado o primeiro prédio do setor das Ciências Humanas, o edifício da História e Geografia se estabelece a partir de um grande hall central onde estão localizadas as rampas de circulação. Em concreto armado, o edifício tem um grande vão no térreo utilizado como praça de convívio. Em 1967, recebeu o Prêmio IAB na categoria de prédios construídos no setor de edifícios educacionais

Cores anteriores do Edifício



Rampa do edifício do Departamento de História e Geografia, com revestimento em piso cerâmico e faixa lateral antiderrapante. Notar vedação com painéis junto à fachada noroeste, escondendo parcialmente o mural de círculos. Foto Marcos Santos, anterior a 2010. Fonte: www.imagens.usp.br.



Rampas do edifício do Departamento de História e Geografia, com pintura na cor creme e piso cerâmico. Foto Marcos Santos, anterior a 2010. Fonte: www.imagens.usp.br.



Espaço sob as rampas, com sua junção pintada em tinta esmalte vermelho. Pilares em azul, recobertos com murais de avisos e cartazes. Foto Marcos Santos, anterior a 2010. Fonte: www.imagens.usp.br.



Pilares e viga principal em azul. Guarda-corpos e grelha de cobertura em laranja. Demais elementos na cor creme. Notar que estavam instaladas grades sobre o volume do auditório e sua parede estava pintada. No pavimento superior já estava fechada com divisórias a área junto à fachada noroeste. Foto Marcos Santos, anterior a 2010. Fonte: www.imagens.usp.br.



Escada helicoidal junto à fachada noroeste, voltada para as Ciências Sociais. Notar o hidrante instalado no pilar. Foto Marcos Santos, anterior a 2010. Fonte: www.imagens.usp.br



Em primeiro plano, esquadrias em cinza escuro do Centro de Apoio à Pesquisa em História; por transparência vê-se circulação cuja alvenaria está pintada na cor laranja. À esquerda, passagem envidraçada do elevador construído décadas após a obra do edifício. Foto Marcos Santos, anterior a 2010. Fonte: www.imagens.usp.br

Cores atuais do edifício (março/abril 2017)

Fotos N.A.J.C.



Fachadas voltadas para a avenida Professor Lineu Prestes e avenida Professor Luciano Gualberto. Tubulação em cinza acrescentada ao edifício, como também aparelhos de ar condicionado. Estrutura em concreto na cor branco, exceto pilar, na cor azul. Alvenarias em tom laranja. Notar fios sem continuidade do sistema de proteção contra descargas atmosféricas.



Fachada voltada para a avenida Professor Luciano Gualberto, com vigas em branco e alvenarias em cor laranja.



Fachada voltada para a avenida Professor Lineu Prestes, com pilares em azul, vigas em branco, alvenarias em laranja e guarda-corpo branco. Piso em ladrilhos hidráulicos na cor cinza, que identificam o pavimento térreo. Notar o abrigo e grades acrescentados ao edifício original.



Entrada principal do edifício, com estrutura principal em azul (embora com trecho em dois tons), volumes junto à escada e grelha estrutural na cor branco e alvenarias em laranja. Os corrimãos metálicos que inexistiam originalmente estão pintados em cinza claro e as esquadrias metálicas em cinza escuro. Nos volumes que ladeiam as escadas foram abertas porta e janela inexistentes no edifício original.



Acesso principal do edifício, com cinza do piso em concreto com acabamento de cimentado queimado, dois tons de azul na transição para o jardim interno, esquadrias em cinza escuro. Notar alteração no edifício original: caixilho, ar condicionado e seu apoio em primeiro plano. Outras interferências visuais, que poderiam ser removidas: banco de concreto, faixa do restaurante, motos estacionadas.



Acesso principal do edifício, com escada helicoidal em esmalte vermelho e parte inferior em branco. Demais elementos construtivos em branco. Nome do edifício inscrito sobre viga. Faixa alusiva ao restaurante em destaque.



Vistas do jardim interno, com fachada interna na cor azul e esquadrias em cinza escuro.





Vistas dos pilaretes de sustentação das esquadrias do jardim interno, em azul claro, e das esquadrias em cinza escuro.



Outro tom de cinza escuro nas esquadrias.



Foto da grelha de cobertura do vão central em tom magenta claro e uma das vigas principais, em azul. Notar trechos da laje com ferragens em processo de oxidação.



Foto do saguão central e das rampas, com pilares e vigas principais na cor azul e junção das rampas em vermelho



Foto do saguão central e das rampas, com pilares e vigas principais na cor azul, rampas em amarelo claro, guarda-corpos de concreto em cor violeta claro, tubos metálicos em cinza claro e piso em ladrilhos hidráulicos cor cinza escuro. Em primeiro plano, iluminação diferente da original.



Em primeiro plano rampas e guarda-corpos (em cor violeta claro). No pavimento inferior, piso original em placas de concreto, pilar em azul, parcialmente recoberto, e junção das rampas em vermelho. Ao fundo, no pavimento térreo, alvenarias pintadas em laranja.



Saguão central, com alvenarias do pavimento superior na cor branca. Vigas principais em azul e pilaretes do caixilho de fechamento do jardim interno em dois tons de azul, sobre os quais há duas imagens afixadas. Guarda-corpos em tom violáceo, grelha de cobertura na cor creme. Veem-se as grades acrescentadas sobre os volumes de entrada dos auditórios.



Saguão central. Notar à esquerda grade acrescentada sobre volume de entrada do auditório e aparelhos de ar condicionado instalados junto à bandeiras de portas do pavimento superior.



Volume de entrada do auditório, pintado em branco e com várias interferências visuais acrescentadas ao edifício (guarda-corpo, iluminação, extintor, tubulação etc).



À esquerda divisórias acrescentadas ao prédio original. Vigas secundárias em tom creme e alvenaria branca, como as demais do pavimento superior.



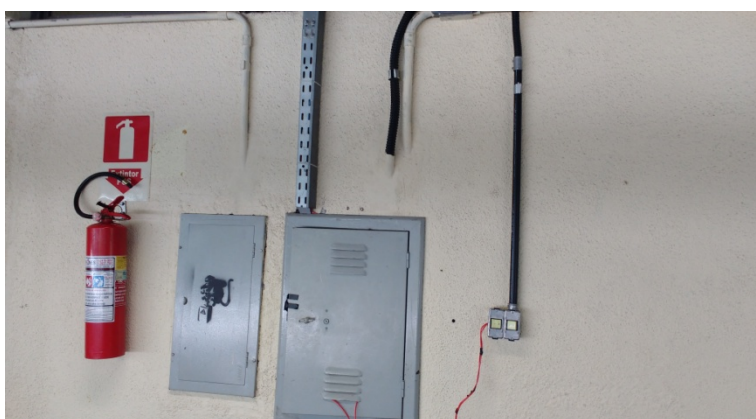
Laje e viga da fachada noroeste, pintadas na cor branco.



Esquadrias em cinza escuro; guarda-corpo de concreto na cor violeta claro e ao fundo alvenaria na cor laranja. Restante do concreto na cor branco; cinza do piso em placas de concreto na cor natural com acabamento liso, que apresenta um brilho discreto.



Na imagem abaixo, tubulações metade externas e metade internas, sobre alvenaria pintada de branco do pavimento superior.



Pavimento térreo, varanda com pilar pintado em azul junto à fachada de sudoeste e o restante dos elementos construtivos em branco ou cores muito claras; piso de ladrilhos hidráulicos na cor cinza escuro. Interferências visuais: tubulações e fiações.



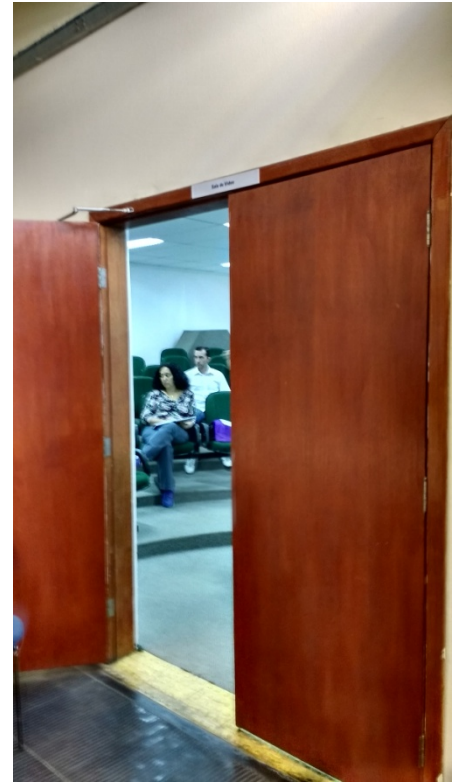
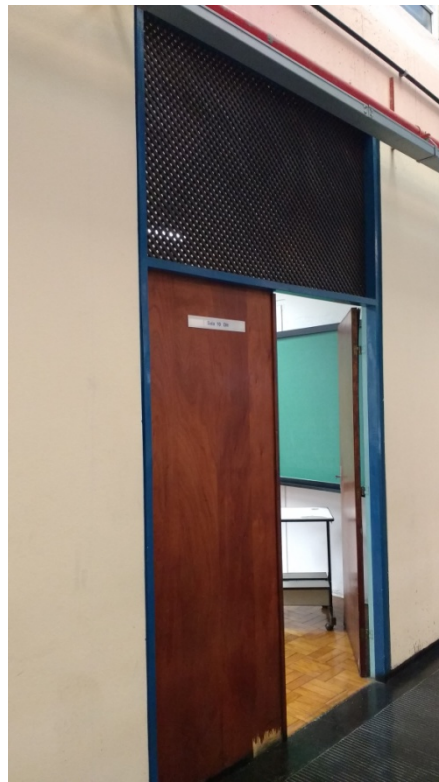
Mesmo pilar, com viga onde se vê tubulações e tinta se desprendendo. Notar o emprego de tonalidade clara que não o branco na viga. O tubo em branco é o da descida de águas pluviais da cobertura acrescentada ao prédio.



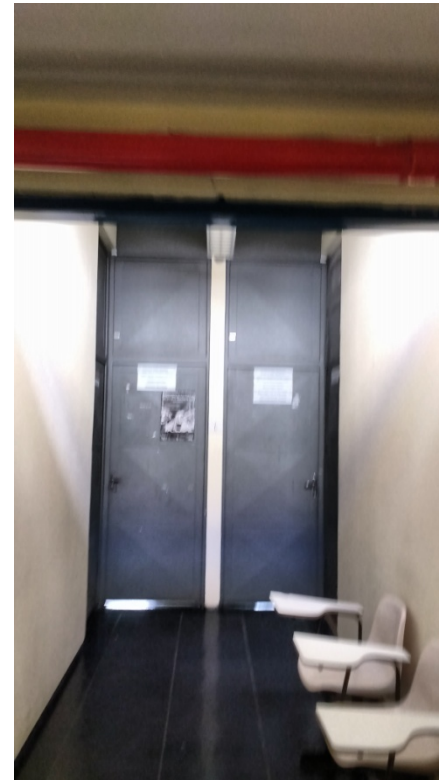
À esquerda, sala de aula com piso original , em tacos de madeira, mantido e em bom estado. Abaixo, novo padrão de iluminação.



Volume de entrada do auditório com interferências e portas em padrão não original



À esquerda, exemplo de portas existentes. À direita, porta de auditório (antiga sala de aula) em duas folhas de madeira sem bandeira na parte superior. Comparar com imagem do meio, do padrão original de porta de madeira de sala de aula com duas folhas e bandeira em muxarabi de madeira para ventilação cruzada.



À esquerda, padrão de porta original em duas folhas. No meio, porta em que houve substituição do padrão original. À direita, acréscimo de rampa com corrimão em um tom de cinza esverdeado



Acima e ao lado: abrigos para iluminação e ventilação não originais na fachada sudoeste.



Ao lado: abrigos para iluminação e ventilação não originais na fachada nordeste.



Diferença de nível entre áreas da varanda da fachada nordeste.

Cores originais do edifício



Imagens de folheto USP de 1968, de fotógrafo não identificado, mostram cores que estariam desde 1964, elegidas pelo arquiteto Eduardo Corona: fachadas brancas, pilares e guarda-corpo em azul, caixas d'água azuis, muros de arrimo na fachada noroeste em cinza (chapisco). Escada helicoidal vermelha com fundo branco, guarda-corpo azul, volume branco na entrada. Notar na imagem de cima bancos e *domus* de iluminação na varanda sudoeste. Notar também a grande visibilidade do prédio e a ausência das tubulações acrescentadas posteriormente.

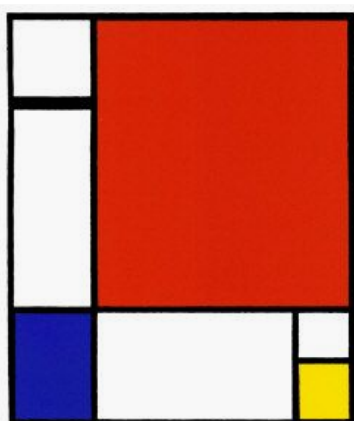


Imagem de folheto USP de 1968, de fotógrafo não identificado, mostra o saguão principal do edifício. O volume do auditório encontra-se sem interferências visuais e em concreto aparente. O piso é o atual, em placas de concreto. Nos guarda-corpos, pintados na cor azul, não há corrimãos ou outras peças metálicas. As vigas principais são azuis, as vigas do piso do pavimento superior estão pintadas em branco. A grelha de cobertura estava em concreto aparente. Dá para ver o painel com desenho de círculos junto à fachada noroeste, sem as divisórias que o encobrem atualmente. As paredes do pavimento superior aparentam ter um tom cinza azulado, mas isso eliminaria o destaque dado à estrutura do prédio.

A fachada do edifício dos Deptos de História e Geografia da FFLCH foi projetada em concreto aparente, com uma paginação em placas de compensado, mas imperfeições teriam feito com que o autor do projeto, arquiteto Eduardo Corona, fizesse a opção por concreto pintado (CARRANZA, 2000).

As cores originais do edifício dos Deptos de História e Geografia têm fundamentos em alguns movimentos artísticos, como o do grupo fundador da revista De Stijl (1917-1928) integrado por Theo van Doesburg e Piet Mondrian, na Bauhaus, e em obras de arquitetura de Le Corbusier no após-guerra e de Vilanova Artigas no final dos anos 1950 e início da década de 1960.

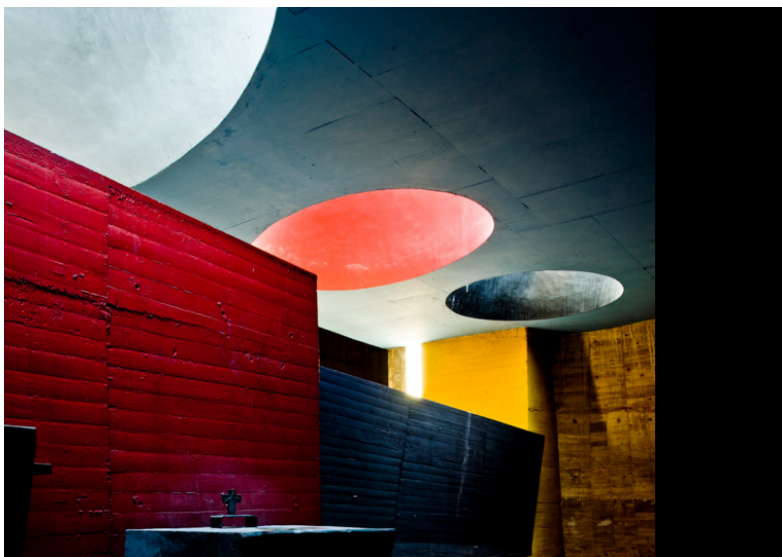
As três cores primárias, o branco e o preto são as cores utilizadas nos casos citados. Na arquitetura moderna brasileira, foram principalmente utilizadas as cores primárias azul e vermelho e uma secundária, o ocre, além do branco e cinza escuro (esta última em esquadrias executadas em chapa de ferro dobrada).



Obra de Piet Mondrian



Casa Schröder, projetada pelo arquiteto Gerrit Rietveld nos anos 1920, Utrecht, Holanda.



Capela do convento La Tourette, Le Corbusier, 1957-1960. Foto de Samuel Ludwig.



Obras de Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi: à esquerda, Ginásio de Itanhaém, 1959; à direita, Ginásio de Guarulhos, 1960



Pátio do Ginásio de Guarulhos, 1960



Vestiários do São Paulo Futebol Clube, 1961

(Vilanova Artigas: arquitetos brasileiros, 1997, sem identificação do autor das fotos)

Conclusões sobre as cores a serem utilizadas para nova pintura do edifício dos Deptos de História e Geografia

Algumas das cores originais do edifício se mantiveram, mas foram introduzidas outras que não têm a ver com a sua proposta original, como a cor aplicada nos guarda-corpos.

Superfícies que eram em concreto aparente foram pintadas, como os dois volumes dos auditórios. Estes volumes, que eram soltos dos demais elementos arquitetônicos, como se pode ver nas fotos antigas, receberam várias interferências.

Proposições:

Deverão ser removidas todas as interferências que forem condizentes com uma primeira etapa de aproximação com o estado original do prédio, como fiações que se encontram fora de canaletas. Deverão ser instalados espelhos do sistema elétrico / voz que estiverem faltantes.

O concreto dos volumes dos dois auditórios deve ser novamente exposto, após a remoção das interferências existentes, exceto as alvenarias que ocultam equipamentos e que isolam acusticamente os auditórios dos ruídos do saguão. Recomenda-se a execução de frisos no encontro dessas alvenarias com o concreto, antes da pintura.

Deve ser feito tratamento no concreto aparente, após a remoção das camadas de tinta.

Seria ideal expor também o concreto aparente da grelha da laje de cobertura do saguão principal, como originalmente providenciando-se a correção de alguns pontos de ferragem exposta e oxidada. O concreto uma vez aparente deverá receber tratamento apropriado.

A pintura em tinta látex acrílica deverá ser a indicada pelo fabricante para uso em área externa, quando for o caso das superfícies estarem expostas à chuva ou à radiação solar (ainda que em ambientes internos).

O azul em tinta látex acrílica, acabamento acetinado, código R339 da Suvinil, deverá ser aplicado nas superfícies de pilares, vigas principais e corrimãos;

O ocre em tinta látex acrílica, acabamento acetinado, código E122 da Suvinil, deverá ser utilizado nas paredes externas dos ambientes situados no andar térreo. Deverá ser feito teste comparativo na obra com tinta látex acrílica código P130 da Suvinil.

O branco em tinta látex acrílica, acabamento acetinado, deverá ser aplicado nas paredes externas dos ambientes dos pavimentos inferior e superior, nas paredes internas dos ambientes de todos os andares, nas vigas e superfícies inferiores da laje do pavimento inferior e do pavimento térreo;

O vermelho em tinta esmalte sintético deverá ser reaplicado nas escadas helicoidais e na junção das rampas (uma demão sobre o existente pode ser suficiente, a critério da fiscalização da obra);

O branco em tinta esmalte sintético deverá ser reaplicado na superfície inferior das escadas helicoidais (uma demão sobre o existente deve bastar, a critério da fiscalização);

As superfícies de metais ferrosos deverão receber tinta grafite escuro, que serve como fundo e acabamento e pode ser aplicada em superfícies externas e internas, após a remoção das camadas de tinta existente e eliminação dos trechos de ferrugem;

As superfícies em madeira aparente (folhas de portas em madeira) deverão receber verniz. Deverá ser feito teste na obra com o verniz código E191V da suvinil.

As superfícies em alumínio, material que provavelmente não foi utilizado originalmente no edifício, deverão ficar no acabamento natural.

Conclusão sobre o piso do Pavimento Térreo

O piso em placas de concreto na cor natural com acabamento liso deve ser mantido no térreo, fazendo-se apenas a substituição das placas em áreas onde o piso foi demolido e refeito com concreto sem armadura e com desenho simulando juntas. O piso deverá ser limpo com jato de água e receber polimento suave, que mantenha o leve brilho do acabamento original.

Conclusão sobre as luminárias

Nas salas onde for instalado forro poderá ser utilizado o padrão de luminária USP (Pure), de embutir, com duas lâmpadas frias.

Nas áreas comuns como circulações, varandas, entradas do edifício e saguão central ou ambientes internos sem forro não deverá ser substituído o padrão de luminária com uma única lâmpada fria, que não ultrapassa a largura das vigas onde estão instaladas e cuja fixação é disposta em discreta canaleta fixada na parte inferior das vigas.

Não se deve instalar luminárias com duas lâmpadas frias dispostas lado a lado, seja no sentido longitudinal ou transversal às vigas.

Referências

BROCANELLI, Juliana. <http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2016/09/construcoes-da-usp-que-sao-verdadeiras-obras-de-arte/>

CARRANZA, Ricardo. *A trajetória de Corona*. Revista AU Arquitetura e Urbanismo n.95. Seção documento.

Patrimônio. Blog do DPH.

http://200.144.182.66/memoria/por/local/110-FFLCH_Predio_Historia_e_Geografia.

<http://www.imagens.usp.br/?s=hist%C3%B3ria+e+geografia&x=0&y=0>

CARRANZA, Edite e CARRANZA, Ricardo. *Edifício da História e Geografia, de Eduardo Corona, na USP*. AU Arquitetura e Urbanismo Edição 260 - Novembro/2015. Disponível em:

<http://www.au.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/260/edificio-da-historia-e-geografia-de-eduardo-corona-na-usp-365816-1.aspx>

CARRANZA, Ricardo. **Eduardo Corona arquitetura moderna em São Paulo**. Dissertação de mestrado. FAUUSP, 2000.

www.archdaily.com.br

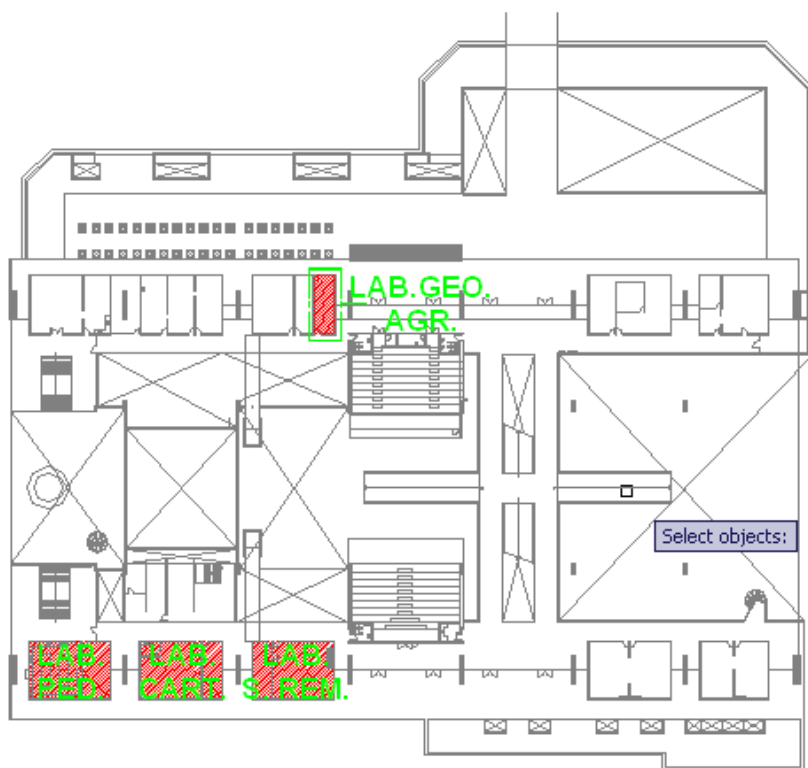
<https://br.pinterest.com/pin/255649716317175889/>

Vilanova Artigas: arquitetos brasileiros - brazilian architects. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi: Fundação Vilanova Artigas, 1997.

Edifício dos Deptos de História e Geografia - Projeto de reforma de Salas de Aula

Data do projeto: julho de 2013

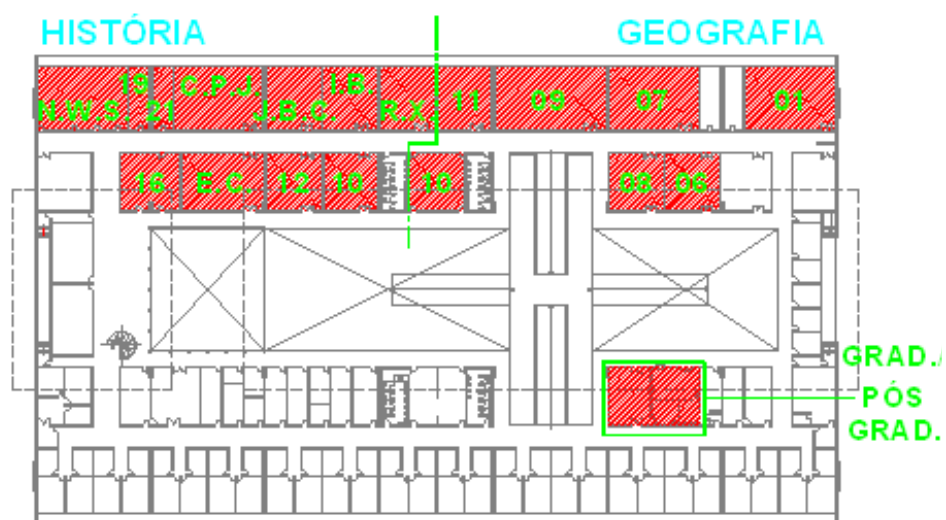
Autor: Apoara Arquitetura e Planejamento



MAPA DE LOCALIZAÇÃO

PRIMEIRO PAVIMENTO

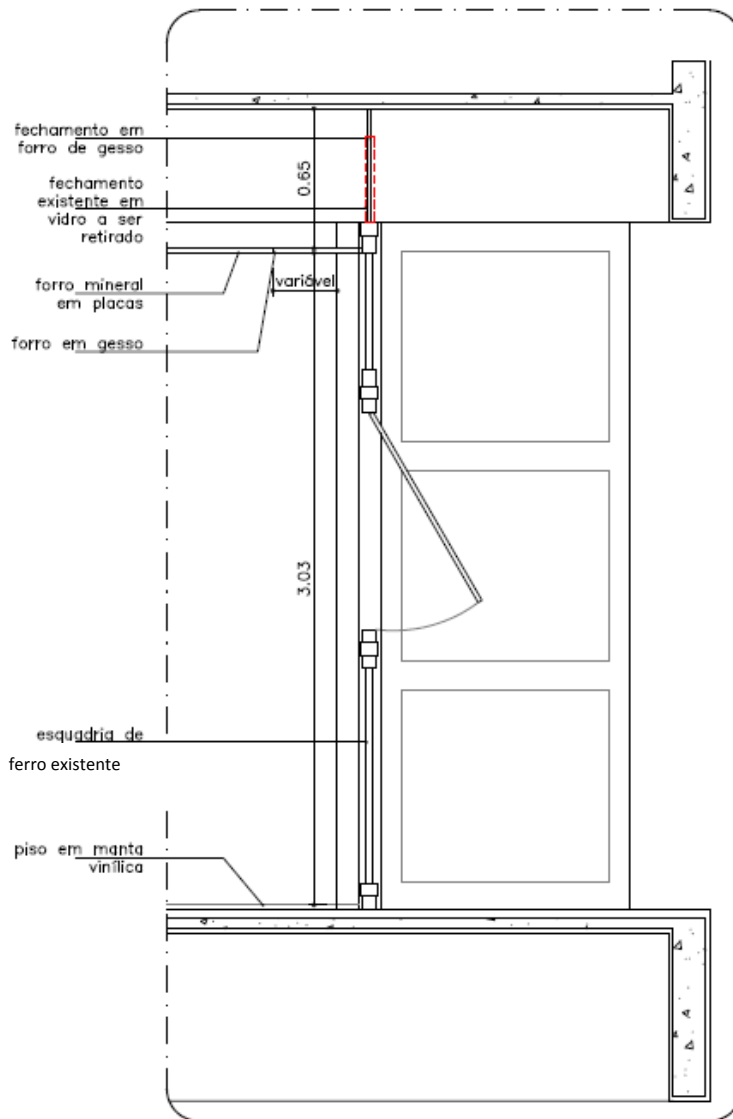
SEM ESC



MAPA DE LOCALIZAÇÃO

SEGUNDO PAVIMENTO

SEM ESC



CORTE GENÉRICO - SALAS DE AULA

Apoara Arquitetura e Planejamento

Conclusões sobre o projeto de reforma das salas de aula

1. O piso das salas de aula devem permanecer (ou retornar a ser) em tacos de madeira, que é a solução original, não devendo ser aplicado piso vinílico;
2. A instalação de portas com isolamento acústico (por causa do ruído proveniente principalmente do saguão) deverá ser objeto de consulta ao Conpresp, pois altera o padrão original das portas, ao acrescentar visor no modelo proposto. O projeto também propõe recolocar o muxarabi da bandeira da porta após a instalação de painel acústico, mas este delicado trabalho em madeira, que faz parte da solução original de ventilação cruzada do ambiente, não teria funcionalidade. Este aspecto também deve ser incluído na consulta ao Conpresp.
3. Forro com luminárias no padrão USP definido pelo extinto Programa de Uso Racional de Energia - Pure: sua execução deverá ser precedida da remoção de todas as instalações existentes juntos às vigas – fiações, calhas, luminárias e forros inclinados, quando houver.

Recomenda-se a execução de friso no encontro do forro com o perfil horizontal superior do caixilho, com a mesma largura deste perfil. Desta forma será evitada a ocultação do perfil superior do caixilho e os dois planos - o do futuro forro e o do caixilho ficarão visualmente separados. No restante da sala, no encontro do gesso com as vedações, deverá haver o mesmo friso.

Como a ventilação cruzada será eliminada nas salas de aula que dão para o saguão central, recomenda-se que seja previamente instalada climatização nestes ambientes.

Nas salas de aula voltadas para o exterior poderá ser preservada a ventilação cruzada desde que não se instale forro no trecho da saída de ar sobre a laje da circulação.

4. Poderia ser pleiteada verba da Pró-Reitoria de Graduação para a execução do projeto, uma vez que trata de melhoria em salas de aula.

Conclusões sobre o projeto de sinalização do edifício da História e Geografia

O projeto de sinalização não deve ser aplicado a este edifício por interferir com a diretriz de preservação das suas características originais.

O edifício já possui um alto grau de inteligibilidade do espaço, não necessitando, por exemplo, da repetição do seu nome.

Poderia ser utilizado apenas um ou dois totens no pavimento térreo (não usar placas suspensas) e número nas portas.